

Em primeiro simpósio de sua história, CASP debate a *Laudato si'* e a crise socioambiental



A Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), em parceria com o Centro Universitário Assunção, realizou, nos dias 28 e 29 de maio, na Vila Mariana, zona sul de São Paulo, seu I Simpósio, que trouxe o tema “A crise socioambiental à luz da *Laudato si'*”

Foram dois dias de debates aprofundados sobre a encíclica publicada pelo Papa Francisco em 2015, com reflexões sobre como podemos, individual e coletivamente, melhorar a nossa Casa Comum no presente e para as futuras gerações, tendo como foco nossos irmãos em situação de vulnerabilidade social e econômica, que são os mais atingidos pelas mudanças climáticas.

Ancorado na Doutrina Social da Igreja, o evento contou com palestras e mesas de debates com representantes da Igreja, da academia e de organizações da sociedade civil, com o propósito de iluminar reflexões sobre os problemas sociais e

econômicos gerados pelas mudanças climáticas, e apontar os caminhos a seguir para o cuidado com o nosso planeta.

A abertura foi com a missa presidida pelo Padre Rodrigo Pires Vilela da Silva, Coordenador do Curso de Filosofia do Centro Universitário Assunção. Na homilia, ele destacou a necessidade de o mundo fazer uma conversão de mentalidade. “Se não levarmos a sério essa mudança, a Casa Comum pode ruir”, frisou.

Um dos palestrantes do primeiro dia do evento, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo e Presidente da CASP, abordou os três conceitos centrais que o Papa Francisco trata na encíclica *Laudato si'*: a ecologia integral, a Casa Comum e o cuidado com o meio ambiente.

O Arcebispo recordou que, na encíclica, o Papa destaca que o homem, criado por Deus, recebeu do Criador a missão de cuidar da natu-

reza, e que, por essa razão, “a natureza não pode ser vista em contraposição à pessoa humana”.

“Não se pode gerir a natureza simplesmente em relação a um bem próprio. É preciso pensar nos outros. E esse cuidado deve ser feito com critérios éticos e de justiça”, lembrou.

O Cardeal também enalteceu a realização do evento no momento em que o Brasil vive a pior tragédia climática de sua história em termos de dimensão, que são as enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul. Ele disse que a própria Arquidiocese, por intermédio da CASP, realiza uma campanha de arrecadação de fundos para auxiliar as vítimas do RS.

No encerramento do Simpósio, o Diácono Márcio José Ribeiro, diretor da CASP, fez um balanço do evento, enfatizando que todas as palestras e mesas de debates nos chamam a responsabilidades.

“Nós nos relacionamos com a

Igreja, nos relacionamos com as pessoas, com a sociedade. Nós nos relacionamos principalmente com o povo que vive em situação de extrema vulnerabilidade. Precisamos pensar nesses relacionamentos sobre até que ponto nós, dentro da missão Caritas, estamos sendo para esses irmãos verdadeiros construtores de um novo mundo”, destacou o Diretor na mesa de encerramento do Simpósio, no qual esteve ao lado de Fábio Krubiniki, diretor-tesoureiro do CASP, e de Karen Ambra, Reitora.

“Neste evento que durou dois dias, tivemos muitas trocas, conhecimentos que foram trazidos e que nos levam à tomada de consciência, à expiação e à ação. Eu concordo que, se a esperança não for substantivo, ela pode ser, sim, projeto. Se a esperança de substantivo virar verbo, o sonho vira realidade; sonho esse de deixar pessoas melhores para um mundo que seja viável”, concluiu a reitora.



Dom Odilo Scherer: 'Não se pode gerir a natureza simplesmente em relação a um bem próprio. É preciso pensar nos outros. E esse cuidado deve ser feito com critérios éticos e de justiça'

Ver e Iluminar

Com base na Doutrina Social da Igreja e na teologia moral, o primeiro dia de debates buscou “ver” o problema e “iluminá-lo”, em uma reflexão sobre o comportamento do homem em sociedade e sua responsabilidade no cuidado com a Casa Comum.

Na palestra de abertura, a professora Dra. Karen Ambra, reitora do Centro Universitário Assunção, destacou que “falar sobre o meio ambiente não é se referir a um objeto de estudo que está distante de nós e sobre o qual possamos nos debruçar e observar de uma forma neutra”.

Karen enfatizou que “não existe algo que possamos falar sobre o meio ambiente que não nos impacte diretamente” e observou que “não estamos só ligados à natureza – nós somos a própria natureza, e está mais do que na hora de lidar com ela, com o meio ambiente, não só de uma forma acadêmica, mas séria, humana, comprometida, respeitosa”.

Na palestra seguinte, o Frei Marcelo Toyansk Guimarães, Assessor da Comissão Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), falou sobre a “Inspiração franciscana na elaboração da carta encíclica *Laudato si'*”.

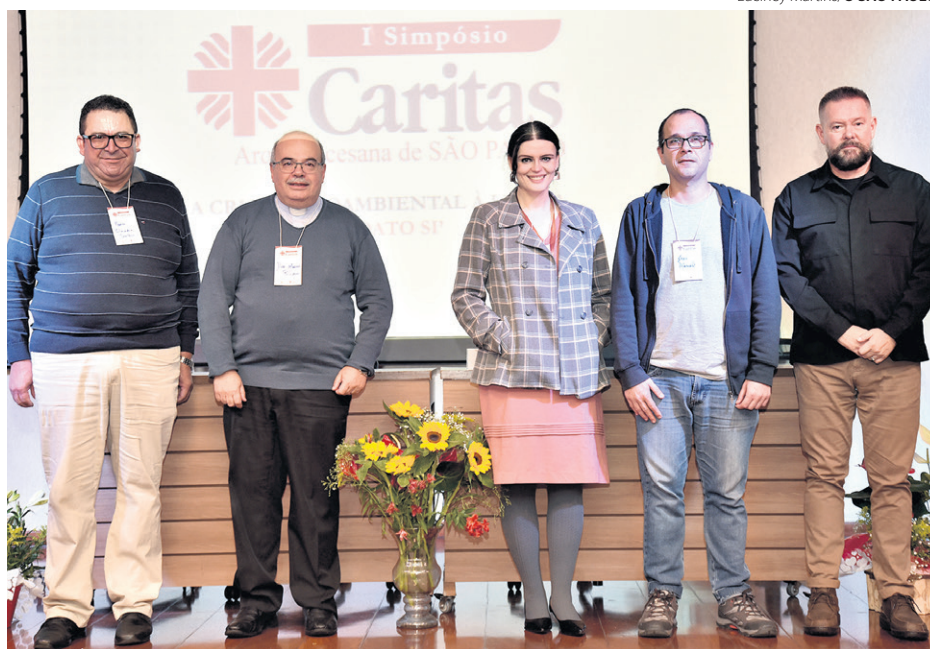
Frei Marcelo lembrou que o planeta Terra chegou a um ponto crítico de elevação da temperatura e que, portanto, não adianta fingirmos que o problema não é nosso. “Os pobres serão os mais afetados, mas todo mundo vai junto”.

Ele lembrou a importância do papel da Igreja nesse processo de conscientização. “Quando somos conectados com o mundo e conseguimos dar uma resposta, a Igreja é muito mais entendida e valorizada, porque ela dá uma resposta para o mundo. Por isso, é tão importante a Igreja

participar desse processo, porque ela também está na sociedade”, observou.

Na sequência, Padre Claudio Antonio Delfino, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, apresentou o tema “Em toda criação a presença da Santíssima

“No magistério da Igreja, os Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI colaboraram em alguns documentos, algumas encíclicas, já destacando a raiz humana nessa questão da crise socioambiental”, apontou, lembrando, porém, que a *Laudato si'* é um



Padre Claudio Delfino, Diácono Márcio, Karen Ambra, Frei Marcelo e Padre Marcelo Maróstica

Trindade”, destacando que a Trindade “faz com que cada criatura participe da sua condição”.

“O Papa nos convida a termos um olhar de fé. Se é para olharmos as criaturas a partir dos sinais da Trindade, nós temos que olhá-las a partir da fé”, disse. “O mundo não é um ser em que as criaturas não racionais têm menos valor do que o ser humano. As espécies estão à disposição no jardim do mundo ao homem, mas para que ele as use de modo a guardar e cultivar”, explicou.

Ainda na manhã do dia 28, o Padre Marcelo Maróstica Quadro, Vice-diretor da CASP, falou sobre “A raiz humana como problema da crise socioambiental”.

documento inovador nesse sentido, pois faz essa correlação de modo mais direto.

“Para o Papa Francisco, o crescimento tecnológico e científico dos últimos séculos proporcionou benefícios inegáveis – bem-estar, conforto e segurança –, mas o aumento do poder sobre a natureza revelou uma realidade inerentemente humana: o mau exercício da liberdade. Segundo o Papa, esse é um problema de natureza estritamente ética, que afeta profundamente a moral humana”, prosseguiu.

A rodada de palestras da manhã terminou com uma mesa de debates com os palestrantes, conduzida pelo Diretor da CASP, Diácono Márcio José Ribeiro.

POLÍTICA E QUESTÕES HUMANITÁRIAS

Na parte da tarde, representantes da academia abordaram os impactos das mudanças climáticas na vida moderna e o papel do Estado como fomentador de políticas no sentido de mitigá-las.

Zenaida Luisa Lauda Rodriguez, pós-doutora no Programa USP Cidade Globais do Instituto de Estudos Avançados da USP e doutora em Ciência Ambiental pela mesma universidade, tratou sobre a realidade dos refugiados climáticos na palestra “Mobilidade humana decorrente de questões ambientais”.

A academia, segundo ela, também se debruça sobre a *Laudato si'*, “que é um documento muito coerente com todas as coisas que estudamos das questões ambientais”. Ela comentou que tragédias como a do Rio Grande do Sul não são uma novidade para os cientistas.

“Temos vários estudos internacionais, como o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU), que reúne milhares de pesquisadores do mundo todo que trabalham constantemente analisando estudos, pesquisas e relatórios sobre as mudanças climáticas. Já há previsões sobre como o mundo vai mudar conforme a temperatura for mudando”, disse.

O Grid (Global Report on Internal Displacement) 2023, segundo ela, traz um levantamento sobre deslocamentos forçados pelo mundo. “Houve uma época em que as pessoas se deslocavam por situações de conflito. Hoje, o movimento é mais influenciado por fatores hidrometeorológicos, que estão vinculados às mudanças climáticas”, alertou.

Na sequência, o professor Dr. Alessandro Fuentes Venturini, vi-

ce-reitor do Centro Universitário Assunção, abordou a “Política Nacional Sobre Mudanças Climáticas” (Lei 12.187), em vigor desde dezembro de 2009, mas ainda sem efetiva implementação.

“Para quem nega a mudança climática, é um dado matemático. Quando analisamos os dados de aumento de temperatura com emissão, vemos que parece que o Brasil não emite tanto carbono. De fato, o Brasil não emite tanto carbono, mas no Brasil se emite muito gás metano, que

é 30 vezes mais potencialmente causador do efeito estufa”, disse.

O professor lamentou que o negacionismo climático tenha dificultado a aprovação de políticas públicas no País e avaliou que o Congresso Nacional muitas vezes contribui para precarizar o arcabouço de proteção de áreas ambientais, como ocorreu com o Código Florestal.

A última palestra do dia 28 foi proferida pelo Cônego Antônio Manzatto, doutor em Teologia pela Universidade de Lousanne, na Bélgica, que

abordou o tema “Justiça socioambiental intergeracional como herança divina”.

“A *Laudato si'* traz como elemento o fato de que tudo está interligado. As gerações estão interligadas: fisicamente, culturalmente, geneticamente. Uma recebe a vida como herança da geração anterior. Se nós recebermos um mundo marcado pela guerra, foi porque a geração anterior nos deixou um mundo assim marcado”, analisou.

Ele enfatizou que a salvação da hu-

manidade não se dará individualmente, mas coletivamente: “Eu costumo dizer que ninguém vai para o céu de bicicleta – ou a gente vai de trem ou não vai, porque a bicicleta é um transporte individual e o trem é coletivo. Ou vamos juntos ou não vamos.”

Por fim, o Padre Marcelo Maróstica e Victor Félix, analista de informações da CASP, conduziram uma mesa de debates com os palestrantes da tarde. O encerramento do dia foi feito pelo Diácono Márcio José Ribeiro.

Agir e Celebrar

O segundo dia do Simpósio foi dedicado a abordar ações – tendo como fio condutor a Doutrina Social da Igreja – que se pode adotar para uma conversão ecológica, no sentido de salvar a Casa Comum. Aqui, vê-se que as ações individuais são fundamentais, mas elas ganham força quando os indivíduos agem coletivamente.

Abrindo as palestras do segundo dia, o Padre José Antonio Calvo Gómez, doutor pela Universidade Católica de Ávila, na Espanha, tratou do tema “Fraternidade universal: os direitos humanos e os princípios da Doutrina Social da Igreja: Bem Comum, o da Subsidiariedade e da Solidariedade.”

Segundo o Padre José Antonio, a subsidiariedade é o princípio pelo qual se garante uma determinada autonomia a uma instância subordinada, por meio da qual “a sociedade de ordem superior deve ajudar, apoiar, promover e respeitar as menores, não as suprimindo”, enquanto os corpos sociais intermediários “podem desenvolver as funções que lhes competem sem ter que cedê-las a outras agregações sociais de nível superior”.

Essa autonomia garante a promoção da dignidade da pessoa humana, mas essa garantia não acontece se “não se cuida da família, dos grupos sociais, das associações, das realidades territoriais locais, dos espaços culturais”. Nesse aspecto, a sociedade civil “é fundamental para o desenvolvimento dos povos”.

“O Estado deve intervir em situações excepcionais, mas sem prolongar a sua ação para além do necessário”, disse. “Às vezes, dizemos: ‘o Estado solucionará tudo’. Não. Nós, sociedade, temos a chave das soluções. Também o Estado, mas sobretudo nós. Uma das primeiras consequências do princípio da subsidiariedade é a participação, a intervenção das pessoas, individualmente ou associadas diretamente, por meio de suas representações na construção da vida cultural, econômica, política e social da comunidade”, complementou.

A palestra seguinte foi sobre “Relatos de experiências e ações”, com as participações de Alan Faria Andrade, doutor em Direito pela PUC-SP



Uma das mesas do segundo dia do evento apresenta as experiências e ações de grupos envolvidos nas causas ambientais e de direitos humanos

e que atua no Sefras – Ação Social Franciscana; Eduardo Nischespois Sorsatto, do Movimento *Laudato si'*; Henriana Lacerda, da Caritas Diocesana Paroquial de São Sebastião; e Padre Alessandro Henrique, Pároco da referida Paróquia.

Alan Andrade lembrou que, em 2019, o Papa Francisco lançou uma carta para transformar a economia atual, inspirado na Economia de Clara e São Francisco de Assis.

“Nessa carta, ele já reconhece que a economia atual mata, devasta o meio ambiente, não gera vida e desumaniza. É um pensamento eco-

nômico do Papa Francisco que já está revelado na *Laudato si'* e, também, na exortação *Evangelii gaudium*. Ele nos propõe gerar uma nova economia, que nos humaniza e que gere vida, e que respeite o meio ambiente”, disse.

Por sua vez, Eduardo Nischespois contou a história do Movimento *Laudato si'*, surgido em 2015, um pouco antes da publicação da encíclica, com o nome Movimento Católico Global pelo Clima.

“O movimento surge por ocorrência da COP 21, na França. Havia uma mobilização da Igreja Católica para participar dessa conferência das par-

tes da ONU [Organização das Nações Unidas] e havia um prenúncio de que o Papa publicaria um documento tratando da questão socioambiental”, disse.

Ele recordou que, em 2013, houve um supertufão nas Filipinas (Tufão Haiyan), que deixou mais de 10 mil mortos e cerca de 13 milhões de desabrigados, e que quando o Papa Francisco visitou o país, em 2015, houve a articulação desse grupo que esteve na Conferência do Clima da ONU.

Em 2021, o grupo passou a oficialmente a se chamar Movimento *Laudato si'* e atuar nas agendas para a promoção de conexões de atores que lutam pela causa ambiental, como quando o Papa Francisco se encontrou com a ativista sueca Greta Thunberg, além realizar petições e promover encontros para debater questões ambientais. O grupo também agiu para viabilizar a realização do documentário “A Carta”, sobre a encíclica *Laudato si'*, disponível gratuitamente no YouTube.

Henriana Lacerda e Padre Alessandro abordaram a tragédia climática ocorrida em São Sebastião, no Litoral Norte de São Paulo, em fevereiro do ano passado, e a importância da Campanha de Solidariedade realizada pela Arquidiocese de São Paulo por meio da Caritas Arquidiocesana de São Paulo.

Finalizando a manhã, houve uma mesa de debates conduzida pelo Pa-



Fraternidade universal é o tema abordado pelo padre espanhol José Antonio Calvo Gómez

dre Rodrigo Vilela, Coordenador do curso de Filosofia do Centro Universitário Assunção, e pelo vice-reitor da instituição, Dr. Alessandro Fuentes Venturini.

AÇÕES PRÁTICAS

A parte da tarde foi dedicada à apresentação de ações práticas sob o tema “A integração se faz pelo diálogo, na liberdade, entre todos os envolvidos no cuidado com a Casa Comum”, com experiências trazidas pelo Instituto Lixo Zero, a Cooperativa Chico Mendes e a Pastoral da Ecologia Integral. As três organizações mantêm parceria com a CASP, por meio do Núcleo Regional Belém.

As biólogas Luciana Barão Acuña e Simone Bacic, embaixadoras do Instituto Lixo Zero, falaram sobre a iniciativa para a redução do lixo a ser descartado, com a separação de material para reciclagem, e diminuição de rejeitos enviados aos aterros.

Dulce Alves de Andrade, presidente da Cooperativa Chico Men-

des, lembrou que a iniciativa começou em uma garagem emprestada para iniciar o trabalho de separação. “E aí? Só separar não vale, né? Graças a Deus e à Caritas, que é mãe da cooperativa também, recebemos um apoio financeiro. Com R\$ 10 mil, compramos um Fusca, adaptamos uma carretinha, fizemos uma prensa, uma balança, uma instalação trifásica e começamos o trabalho com cinco pessoas.”

A coleta era realizada pelos aposentados que iam à missa e se prontificavam a dirigir o Fusca e fazer a coleta até essa garagem. No início, era somente às segundas-feiras. “Até que chegou uma hora que precisava da semana inteira para fazer a coleta”, disse, complementando que, com o apoio da Igreja, a cooperativa conseguiu ter uma sede maior na Região Belém e hoje assegura o sustento de 30 famílias.

Eder Francisco Silva, coordenador da Pastoral da Ecologia Integral, lembrou que ela está organizada no Regional Sul 1 da CNBB, mas antes já funcionava nas regiões episcopais

da Arquidiocese de São Paulo, sempre com o propósito de levar a pauta da ecologia para todas as outras pastorais.

ECONOMIA ECOLÓGICA

A última palestra do simpósio foi proferida pelo professor Lucas Ferreira Lima, doutor em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da UNICAMP.

Ao falar sobre o tema “Economia Ecológica: a partir de um novo estilo de vida para a construção do Bem Comum”, ele destacou os impactos econômicos do aquecimento global e a responsabilização das nações a respeito das mudanças no clima.

“Primeiro a gente tem que pensar na escala de uso sustentável. Até onde podemos ir? Quanto da Amazônia pode ser desmatada sem que haja um processo de destruição? Não podemos atingir esse ponto”, disse o economista.

A ONU, segundo ele, faz isso dentro dos objetivos do desenvolvimento sustentável, como quando estipula

que o aumento da temperatura da Terra não pode ultrapassar 1,5°C.

“Se nós temos que reduzir 100 toneladas de carbono, são 197 países signatários do Acordo de Paris. É justo dividir esse volume pelos 197 países? Não, porque você estaria punindo o Suriname na mesma magnitude da China ou dos Estados Unidos”, disse, complementando que é por essa razão que os países mais emissores devem ter a responsabilização solidária em nome do desenvolvimento das nações mais pobres.

Por fim, houve uma mesa de debates com as participações de Carlos Camargo, Vice-diretor (tesouraria) da CASP, e Adriana Omena, coordenadora do Núcleo Regional Belém da Caritas.

Antes do encerramento, os participantes assistiram ao filme “A História das Coisas”. O encerramento foi conduzido pelo Diácono Márcio José Ribeiro, diretor da CASP, e Karen Ambra, reitora do Centro Universitário Assunção, com a presença do diretor-tesoureiro da CASP, Fábio Kubriniki.

A força da solidariedade para reconstruir São Sebastião (SP) após as fortes chuvas

Um dos momentos mais emocionantes do simpósio foi retratado nas falas de Henriana Lacerda e Padre Alessandro Henrique, durante a mesa “A integração se faz pelo diálogo, na liberdade, entre todos os envolvidos no cuidado com a Casa Comum”.

Eles lembraram as fortes chuvas que assolaram São Sebastião, no Litoral Norte de São Paulo, no carnaval de 2023. A Arquidiocese de São Paulo, por meio da Caritas Arquidiocesana, realizou uma campanha de arrecadação de fundos em prol das vítimas. Todo o dinheiro foi encaminhado à Caritas Paroquial e à Paróquia São Sebastião.

“Naquele sábado de carnaval, fomos surpreendidos por 680mm de chuvas e, em um primeiro momento, não estávamos entendendo o que estava acontecendo”, disse Henriana.

O assombro inicial transformou-se em uma forte mobilização a partir do encontro de Henriana e do Padre Alessandro em um velório: “O Padre olhou para mim e disse: ‘Henriana, me ajuda!’ e a partir daquele momento, abrimos o salão paroquial da igreja e iniciamos uma operação”.

A tragédia climática, uma das maiores do País, resultou em 64 vidas perdidas, sendo 19 delas crianças.

Sem ter a menor noção de logística, Henriana disse que todos tiveram de realizar um trabalho hercúleo para conseguir atender a todas as carretas e a quantidade infinita de doações que chegavam: “Tudo ficou mais difícil porque estávamos sem



Padre Alessandro e Henriana atuam na linha de frente das ações solidárias em São Sebastião

sinal de celular, sem estradas, que estavam bloqueadas”.

O MELHOR DE NÓS

Padre Alessandro lembrou-se de uma frase que ouviu certa vez de Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo entre 1970 e 1998.

“Há 20 anos, eu era formador e levei um grupo de seminaristas para conhecer Dom Paulo Evaristo Arns, e ele disse uma frase que nunca mais esqueci: ‘O mundo está em um grande processo de transformação. Que bom seria se essa transformação pas-

sasse por nossas mãos’. Somos humanos, precisamos nos humanizar cada vez mais, porque concomitantemente a isso, estamos vivendo um grande processo de desumanização, de insensibilidade. Como diz o Papa Francisco, a globalização da indiferença. Mas, em momentos como este, há uma grande mobilização e sentimos isso de perto”, afirmou.

Das muitas histórias humanas dentro da tragédia, o Padre evocou uma em particular: “Conheci uma enfermeira de um hospital onde havia corpos sendo recolhidos à espera

de reconhecimento. E essa enfermeira salientou que eles precisavam ser lavados para lhes dar dignidade, e isso me chamou a atenção”.

Um desses corpos que foram lavados para serem reconhecidos pelas famílias era o de uma senhora que segurava um Terço fechado nas mãos, como que para dizer “mesmo após a morte, a nossa fé se expressa”.

RECONSTRUÇÃO

Passado pouco mais de um ano da tragédia, Padre Alessandro e Henriana permanecem na linha de frente ao lado de outros voluntários, contribuindo para dar assistência às vítimas.

“Foi uma vivência dolorosa, muito difícil, realmente. Nós não tínhamos essa experiência dessa realidade. Chegavam pessoas que só queriam um abraço, chegavam pessoas que contavam histórias que ficávamos em dúvida, como a de uma senhora que disse que andou 40km para chegar à igreja porque ouviu dizer que estávamos dando comida e fralda”, contou Henriana.

“É uma catástrofe que chega sem avisar. E acho que, a partir de agora, temos que tomar consciência de que o mundo mudou, o clima mudou, e se não tomarmos cuidado e não preservarmos a nossa Casa Comum, essa questão vai ser cada dia mais intensa”, alertou, dizendo que, até hoje, os moradores de São Sebastião convivem com as consequências da tragédia.